

O estilo APM

É este afinal o estilo APM. Um estilo baseado no empenhamento dos professores, na reflexão sobre as suas práticas pedagógicas e na renovação dessas práticas. (...) O que precisamos é de encontrar formas de organização que encorajem os sócios (todos os sócios!) a envolverem-se nas actividades associativas (...) O que sem dúvida, requer mais iniciativa e mais imaginação. Mas enfrentar desafios colectivos como este não fará também parte, afinal, do estilo APM?

— Paulo Abrantes, editorial da Educação e Matemática n.º 28 (1993)

O estilo APM: fará ainda sentido, será ainda possível?

Lembro-me bem do nosso espanto — do Paulo, meu e de outros colegas — quando, tinha a APM apenas alguns anos de vida, recebemos na direcção a carta de um sócio que protestava contra o valor da quota da altura: somava o custo de quatro números da revista ao desconto para sócios do ProfMat, e ainda outras coisas do mesmo tipo e depois dizia que esse total era inferior ao da quota anual ... afinal que benefício tirava ele pelo facto de ser sócio da APM? Discutimos o que se havia de responder e o Paulo redigiu uma resposta, salientando que a matemática dele estava errada (não tinha contado com isto e aquilo — já não me lembro, mas talvez o ordenado da funcionária) mas que em qualquer caso o importante era que a matemática do deve e do haver contabilísticos não fazia simplesmente sentido, numa associação profissional de professores, em que a participação era voluntária. Infelizmente não guardei cópia dessa carta, que devia ser um bom manual do estilo ou do espírito, se quiserem, APM!

São claros os vectores desse estilo apontados no editorial: empenhamento e participação activa dos sócios, tipo de actividade da associação baseada em grupos de trabalho. E é interessante perceber que há 10 anos havia propostas — que modificariam essencialmente o estilo APM — e que eram consideradas inevitáveis devido ao crescimento da associação: o editorial cita concretamente a limitação do número de participantes nos encontros anuais e o recurso prioritário às grandes sessões plenárias e aos convites a especialistas. A prática tem demonstrado que temos capacidade na APM para organizar encontros anuais sem limite do número de inscrições e que, embora o estilo próprio de cada comissão organizadora acentue este ou aquele aspecto dos ProfMat's, tem sido perfeitamente possível garantir um grande número de sessões — sessões práticas, comunicações e apresentação de projectos — que resultam da oferta generosa dos participantes. Portanto essas ameaças ao estilo APM estão ultrapassadas ... Mas julgo que existem outras e, para não ocupar muito espaço, vou referir

apenas duas de natureza muito diferente.

1. Nos primeiros anos a APM funcionou sem destacamentos. Ou seja, toda a actividade da APM era desenvolvida por sócios que dedicavam muito do seu tempo livre à participação activa no desenvolvimento da APM. Note-se que embora com menos sócios, essa foi a época em que foi preciso inventar tudo, desde a revista até ao ProfMat, e depois manter tudo sem falhas — uma revista todos os três meses e um ProfMat todos os anos, por exemplo. Está claro que se faziam 500 revistas em vez de 5000, e os ProfMat's tinham 500 participantes em vez de 2000. Mas a escala não é nestas coisas directamente proporcional ao trabalho que dão. Evidentemente que ainda hoje, e felizmente, a maior parte do trabalho na APM é feito por colegas que estão a dar aulas por inteiro. Mas desde há alguns anos que o ME aceita que alguns professores sejam destacados para se dedicar ao trabalho da APM. Isso tem sido muito bom para a APM, pois tem permitido desenvolver algumas iniciativas que porventura não seriam possíveis, pelo menos em tão curto espaço de tempo. Mas essa habituação à existência garantida de destacamentos pode ser perversa se conduzir às ideias e tendências seguintes, tão contrárias ao estilo APM como as que o Paulo referia há 10 anos:

- a ideia que sem destacamentos, a APM não sobreviveria; de modo nenhum, não podemos admitir, e já provámos o contrário, que o trabalho essencial de uma associação de professores não possa ser levado a cabo sem destacamentos;
- a tendência de considerar os colegas destacados como funcionários permanentes que devem dar umas tantas horas, em contraponto com os outros que virão às reuniões da direcção;
- a ideia que o presidente da direcção tem que ser um colega destacado; não só isso não foi uma realidade no passado, como essa ideia, que já senti implícita

em algumas afirmações de colegas, leva à conclusão absurda de que o presidente da direcção não pode ser um professor do ensino superior, onde não há destacamentos — desta forma se retira liminarmente a possibilidade de candidatura a muitos colegas; esta ideia não é totalmente alheia, em minha opinião, às dificuldades actuais em encontrar candidaturas a presidente da direcção.

Portanto devemos lutar pela concessão de destacamentos, mas devemos estar vigilantes a que essa benesse não destrua o estilo APM ... se fosse esse o caso, eu rezaria pela vinda de um Ministro da Educação ainda mais forreta do que este ...

2. Durante muitos anos a **Educação e Matemática** era feita, do princípio ao fim, pela redacção: escrita, obtenção e revisão dos artigos, preparação para a entrega à tipografia, invenção da capa em cada número, etc. Ainda me lembro de passar horas, depois de industriado pelo Henrique Guimarães, grande especialista nessa matéria (e noutras, está claro), a colar tirinhas de texto umas a seguir às outras, com os respectivos títulos e figuras, em páginas A4 de que iriam ser feitas matrizes metálicas para o offset da Editora Texto. Embora, por outras razões, tenha saudades desse tempo, ainda bem que vieram programas como o Pagemaker, que facilitaram infinitamente esse trabalho. Muita água correu desde essa altura até aos dias de hoje, e muitas discussões existiram no seio da redacção sobre se se deveria ou não entregar o design gráfico da revista a um profissional, encarregando-se a redacção apenas do chamado conteúdo. Houve colegas que chegaram a afirmar que não era próprio de um educador matemático estar a paginar ... ou a angariar anúncios para a revista, outra tarefa a que nos dedicávamos. Isso foi sempre recusado pela maioria da redacção, e a certa altura, embora o trabalho de paginação, colocação das figuras, capa etc. fosse feito sempre por alguns de nós, que tínhamos gosto por isso, passámos a acrescentar na ficha técnica da revista um misterioso Gabinete Técnico que nunca existiu e que fazia a capa, a paginação, etc.

Hoje a situação mudou completamente: existe um verdadeiro Gabinete de Edição na APM, que em relação à revista se

encarrega de muitas coisas: paginação, capa, relações com as tipografias, etc. Devo dizer que a paginação da revista melhorou muito, tendo por exemplo sido resolvido completamente um tónica persistente do estilo de paginação, em que as páginas ficavam completamente cheias de texto e de figuras, com um aspecto compacto muito negativo. Do ponto de vista das capas, e se apenas atendermos ao aspecto gráfico, também são em geral muito apelativas e bem construídas. Portanto, é muito positivo o trabalho do Gab. de Edição (exceptuando o facto de muitas vezes os fundos escuros prejudicarem muito a leitura dos artigos e e do índice na contracapa, mas esse erro pode ser facilmente corrigido).

No entanto, acho que a entrega total dos aspectos gráficos, de layout e da capa a um organismo tão independente, embora integrado na APM, pode trazer inconvenientes — se não for convenientemente pensado e discutido — ao estilo APM (ou talvez seja a minha interpretação muito pessoal desse estilo, admito). Uma revista numa associação como a nossa não é uma revista do Expresso ou do Público. Por exemplo, para mim a capa não pode ser apenas uma boa imagem gráfica, deve ser um bom espelho da revista, por vezes das preocupações da APM ou dos temas que dominam a sua actividade. Isto não é certamente responsabilidade dos colegas do Gab. de Edição, que aceitariam orientações e sugestões diferentes da redacção, imagino eu. Por outro lado, impedir totalmente, como agora acontece, o gosto que podem ter sócios de intervir, quando escrevem um artigo, na própria paginação, parece-me também inconveniente. Pessoalmente, sempre gostei de escrever artigos para a revista, mas isso incluía fazer a minha integração das figuras e dos fundos e de tudo no meu artigo — embora sujeito a regras gerais, está claro —, pois ele era um todo. Neste momento, metade do prazer de escrever acabou ... Julgo que com um esforço não muito grande, e mantendo qualidade suficiente no produto final, poderíamos melhorar a qualidade do processo de produzir a revista, tornando-a um espelho maior do que é o estilo APM de fazer revistas, ou seja o que for.

Eduardo Veloso